

# Singularidades em ruína: perspectivas psicanalíticas do trabalho com adolescentes

SINGULARITIES IN RUIN: PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVES ON  
WORKING WITH ADOLESCENTS

**Flávia de Almeida Prado e Marta Cerruti**

## **Resumo • Abstract**

O conceito de adolescência é relativamente recente na história da humanidade e não há consenso entre o momento cronológico em que começa ou termina. Ademais, as desigualdades sociais brasileiras criam inúmeras possibilidades de vivenciar esse período, de forma que é mais correto falarmos em adolescências. O caminho percorrido neste trabalho se inicia com um panorama a respeito das diferentes formas de adolecer no Brasil, bem como as questões referentes à medicalização e ao crescimento das taxas de suicídio infantojuvenil. Com base neste panorama, alguns conceitos freudianos e a releitura feita por Coutinho (2009) foram trabalhados na tentativa de fornecer possibilidades de pensar a experiência de trabalho com adolescentes.

*The concept of adolescence is relatively recent in human history and there is no consensus when adolescence begins or ends. Furthermore, Brazil's social inequalities create countless possibilities for experiencing this period of life, so it is more accurate to speak of adolescences. The path taken in this work begins with an overview of the different ways of becoming a teenager in Brazil, as well as issues relating to medicalization and the rise in child and adolescent suicide rates. Based on this panorama, some Freudian concepts and the reinterpretation made by Coutinho (2009), were used in an attempt to provide possible answers to the questions arising from the experience of working with adolescents.*

## **Palavras-chave • Keywords**

Adolescência; psicanálise; saúde mental; medicalização; diagnóstico.  
*Adolescence; psychoanalysis; mental health; medicalization; diagnosis.*

## Introdução

Estas reflexões advêm de alguns anos de experiência clínica e institucional como psicóloga de um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), trabalhando com adolescentes em medidas socioeducativas de meio aberto, bem como do tempo de atuação como psicóloga em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij).

Como psicanalista, faz-se necessário perscrutar aquilo que, do campo social, constitui as subjetividades para podermos ter uma atuação mais consistente (e, por que não dizer, efetiva?). Neste texto, portanto, não nos valemos de um caso clínico ou institucional para desvelar mecanismos psíquicos, mas utilizamos conceitos psicanalíticos e sociológicos na tentativa de compreender aspectos da constituição subjetiva dos adolescentes que derivam formas aprisionantes de sofrimento. Quando nos referimos “ao adolescente” ou “aos adolescentes” ou “à juventude”, vale ressaltar que não acreditamos se tratar de um grupo homogêneo, mas apenas de uma limitação da língua portuguesa.

## Panorama, conceitos e problemáticas acerca da adolescência

Para nos debruçarmos sobre a temática da adolescência, faz-se necessário, primeiramente, delinear um panorama conceitual: de que adolescente estamos tratando aqui?

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente, importante legislação brasileira, adolescente é a pessoa entre 12 e 18 anos incompletos que, pelo fato de encontrar-se em fase peculiar de desenvolvimento, é sujeito de direitos e deve ser protegido integralmente pelo Estado, pela família, pela sociedade e por sua comunidade. Já a Organização Mundial da Saúde define como adolescente a pessoa entre 10 e 19 anos, enquanto a juventude se estende dos 15 aos 24 anos, criando subclassificações: pré-adolescentes (10 aos 14 anos), adolescentes jovens (15 a 19 anos) e adultos jovens (20 a 24 anos). Note-se que mesmo as tentativas de localizar a adolescência em termos etários, importantes na formulação de políticas públicas e para filtros epidemiológicos, já falham em definir com precisão quando se inicia e quando termina esse período da vida.

Bourdieu (1983) afirma que tratarmos a adolescência de forma homogênea, relacionando interesses, afinidades e características psicológicas comuns a partir de uma definição etária: é uma manipulação arbitrária. A heterogeneidade na vivência de adolecer é efeito de desigualdades sociais e econômicas, precisamos falar de juventudes, e não de juventude. Podemos nos valer da metáfora de um espectro, em que o capital econômico e social coloca alguns adolescentes na posição de um “entretempos” (período de irresponsabilidade provisória), enquanto outros (uma grande massa em situação de vulnerabilização social) são precocemente lançados no mundo adulto do trabalho precarizado e enfrentam preocupações com sobrevivência e com subsistência.

Valendo-nos, portanto, da terminologia de Bourdieu, a juventude é apenas uma palavra. Nesse sentido, compreendemos questões singulares e coletivas colocadas pelos adolescentes a partir de uma concepção desses sujeitos nas relações sociais, econômicas e em seu tempo histórico, vendo-nos obrigados, porém, a cometer o “abuso de linguagem” (BORDIEAU, 1983, p. 2) de nos referirmos, por vezes, “ao adolescente” ou à “adolescência”.

As maciças desigualdades sociais brasileiras incidem sobre os adolescentes de forma a criar possibilidades ou impossibilidades, planos de futuro ou necessidade de sobreviver no presente, acessos ou falta de acessos, sentimentos de pertença ou de exclusão. Consideramos que esses vetores são distintivos no processo de subjetivação e nas formas de expressão do sofrimento dos adolescentes. Não se trata de apartar as dimensões do sujeito (biológica, psíquica e social), mas de compreender que ele produz e é produzido pelo campo social (enquanto rede simbólica) e que o sintoma é uma forma de expressão do sofrimento que desvela dimensões de conflito pessoal, familiar e sociopolítica (ROSA e VICENTIN, 2010). Para essas autoras, a adolescência envolve um trabalho bastante singular, com dimensões psíquicas, subjetivas e relacionais. Nesse sentido, haveria múltiplas adolescências, pois para cada sujeito esse trabalho se inicia em um momento particular.

Os diagnósticos psiquiátricos na infância e adolescência ganharam uma grande relevância cultural e midiática a partir da reversão do estigma associado às doenças mentais. Diferentemente do estigma do sofrimento psíquico na sua associação com a loucura, existe, atualmente, um “reconforto identitá-

rio” (SAGGESE, 2021, p. 9), já que o diagnóstico por vezes funciona como âncora para a identidade e como um grupo de pertencimento, chancelado pela cultura, pela mídia e pela comunidade científica. Dado que a adolescência representa um período de intensa vacilação identitária, os adolescentes acabam ficando ainda mais vulneráveis à rotulação diagnóstica, provocando uma autorrotulação que comumente precede o carimbo do profissional (médico ou não). Segundo Saggese (2021, p. 15), “a carência de trilhas simbólicas para conduzir a alguma estabilização identitária permitiu a abertura da larga avenida da patologização da vida.”

### Leituras das questões da adolescência em Freud

A proposta deste texto é partir de Freud em direção a autores contemporâneos para abrirmos chaves de leitura que considerem as especificidades da constituição psíquica dos adolescentes do nosso tempo e momento histórico. Trabalharemos os textos *O estranho* (1919) e *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), trazendo suas contribuições para a compreensão de problemáticas em relação à adolescência.

No texto de 1919, *O estranho*, Freud trabalha hipóteses psicanalíticas para a origem da sensação de estranheza, a partir da análise linguística do termo alemão *unheimlich* e de traduções em diversas línguas. Além disso, descreve situações que despertam repulsa e aflição, buscando o mecanismo psíquico subjacente àquilo que experimentamos como estranho. Com base na análise dos exemplos, Freud afirma que o estranho está no campo do que é assustador e amedrontador e desenvolve duas ideias a respeito da origem psíquica dessa sensação.

Partindo da noção do recalque enquanto mecanismo defensivo, Freud afirma que aquilo que promove a estranheza é efeito de algo que foi recalcado e retornou. Por consequência, o estranho é, em verdade, algo bastante caro ao psiquismo, apartado apenas pelo mecanismo do recalque, de forma que “(...) esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente” (1919, p. 258). Há uma observação, porém, de que o inverso dessa premissa não se aplica: nem todo o material recalcado provoca sensação de estranhamento.

Transpondo as ideias do texto de 1919 para as questões pertinentes à adolescência, é possível compreender que o incômodo (ou, por que não dizer, estranhamento) frequentemente nomeado por diversos profissionais do campo da infância e da juventude, causado pelo contato com o adolescente, deriva do fato de que a experiência dos adolescentes desvela algo conflitante do nosso psiquismo, apartado pelo mecanismo do recalque.

A recusa a entrar em contato com essas dimensões trazidas pelos adolescentes é fruto da necessidade de certos sujeitos e configurações de sociedade de se manterem apartados dessas questões para que não se interroguem naquilo que lhes causa conflito: as contradições, as interrogações quanto ao gênero, à orientação sexual, entre outros.

Existem diversas formas, macro e micropolíticas, para sustentar essa situação apartada, que também podemos compreender recorrendo a Freud. Caminhando cronologicamente em sua obra, temos o texto *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), no qual o autor afirma que os laços emocionais que mantêm os membros de um grupo unidos são laços libidinais e, mais do que isso, são aquilo que caracterizaria um grupo, diferentemente de um simples conjunto de pessoas, porém, para ele, o ódio a uma pessoa, ou instituição, tem a mesma capacidade que os laços libidinais de unificar um grupo, porque a agressividade derivada da ambivalência das relações é dirigida para fora do grupo, que comumente elege um inimigo em comum, colaborando para a coesão do grupo.

Observamos que é a partir desse mecanismo que os adolescentes são colocados na posição de bode expiatório da família ou dos serviços de acolhimento institucional. Parte-se da premissa de que seria possível um funcionamento familiar ou institucional perfeito, e que esse idílico equilíbrio é ameaçado única e exclusivamente pela presença de determinado/a adolescente, a quem se pode atribuir com facilidade esse papel na dinâmica do grupo familiar e/ou do acolhimento, dados os comportamentos facilmente encarados como disruptivos de uma ordem vigente.

No texto de 1921, Freud descreve o ideal do ego como herdeiro do narcisismo infantil, onde a criança (*his majesty, the baby*) encarnava o ideal de seus pais e a ela não eram impostas restrições, não há registro da falta. O ideal do ego surge como instân-

cia a partir da perda dos objetos investidos amorosamente (objetos edipianos) com uma consequente identificação com traços desses objetos. O ideal do ego contém o objeto perdido (por meio desses traços), além de influências culturais e ambientais e funciona como possibilidade de satisfação para o ego quando este é demandado a responder diante das exigências do mundo. Esse mecanismo identificatório não ocorre apenas na situação edipiana, mas é um mecanismo que permite o constante enriquecimento do psiquismo. Partindo da premissa de que a adolescência é um momento de reelaboração da situação edípica, é importante pensarmos no papel das identificações e do ideal do ego para esses sujeitos.

Segundo Cerruti (2016), a importância da identificação reside no fato de que esta introduz o sujeito na linguagem e na cultura, mas é necessário diferenciar a identificação parcial (com um traço do objeto amado) da identificação total, característica do funcionamento das massas, em que existe a substituição do ideal do ego pelo objeto. Em sua reflexão, entende que o segundo tipo de identificação está na base de fenômenos violentos e de formas de opressão.

### Destinos possíveis a partir da psicanálise

Em *Totem e Tabu* (1913[1912-23]), Freud trabalha com “a hipótese da horda primeva e da morte do pai primevo e elabora sua teoria, fazendo remontar a isso a origem da quase totalidade das instituições sociais e culturais posteriores” (STRACHEY, 1950, p. 14).

Com base na descrição darwiniana de primatas, Freud apresenta um momento mítico da humanidade em que os homens viveriam sob o regime de horda: havia um pai, detentor de todas as mulheres do grupo, de todo o poder e possibilidade de gozo. Mobilizados pelos sentimentos de hostilidade, os filhos se organizam, matam o pai e o devoram, porém, movidos pelos sentimentos de afeição (típicos da ambivalência em relação à figura paterna), nasce o sentimento de culpa e o remorso pela morte dele. Assim, o pai é substituído pelo totem, adorado e cultuado, cuja morte só seria permitida em momentos rituais específicos. Além disso, instituem a proibição da relação sexual

com as mulheres do mesmo clã que antes pertenciam ao pai, fundando a exogamia. Cria-se uma lei contra o incesto, pois todos os irmãos abdicam juntos de terem relações sexuais com as mulheres do grupo. Para Freud, esse momento institui sentimentos fraternais sociais dentro do clã, pois faz-se um pacto de que o lugar do pai não deveria se repetir, de forma que os membros protegem-se uns aos outros.

Em *Adolescência e Errância*, Luciana Coutinho faz uma releitura do mito da horda primeva freudiana, separando-o em três momentos: horda, clã totêmico e fratria, e afirma que essas são formas de organização do laço social e de elaboração psíquica a partir da gestão dos ideais e das identificações.

O momento da horda primeva é equivalente ao narcisismo primário, onde não há espaço para a falta, para o desejo e para a diferença. Aqui, fala-se em identidade absoluta, pois todos os irmãos são idênticos entre si, designando uma identificação primária, derivada da incorporação, sem a mediação de um ideal. A autora aproxima esse momento ao funcionamento das massas descrito por Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, em que o líder da massa toma o lugar de ideal de ego dos membros do grupo, funcionando em verdade como o eu ideal, absolutamente narcísico. A identificação com o líder, bem como a identificação com o pai da horda é total, e não a partir de um traço. Esse ego ideal, que rege a horda e as massas, também pode ser representado por uma convicção ideológica, e não necessariamente por uma pessoa. Trata-se da forma mais elementar pela qual pode se estabilizar um grupo e está sempre presente de forma latente na formação do laço social, podendo ser reatualizada em contextos sociais que funcionam para além da chave do ideal de ego.

Após a morte do pai da horda e a assunção do remorso e do sentimento de culpa, formam-se os clãs totêmicos que, para Freud, representam uma primeira configuração de organização social (1913, p. 145). O totem representa, simultaneamente, a renúncia pulsional e também uma possibilidade de satisfação pulsional por meio dos rituais. Nesse sentido, não vigora mais o regime tirânico narcísico, pois é preciso abrir mão de algo para obter alguma satisfação, sob determinadas condições. O totem funciona aqui como um objeto intermediário, idealizado, que

encarna o ideal de ego, comparado à situação amorosa na questão de uma ilusão que se institui na relação com o objeto amado.

O grupo fraternal configura um tipo de laço social, em que as identificações entre os irmãos são mediadas por um ideal de ego comum entre os membros, permitindo a construção de valores comuns. Há uma flexibilidade nesses ideais, que podem ser encarnados por diversos objetos ou projetos. A marca fundamental desse laço é o pacto, representado pelo acordo entre os irmãos (de que ninguém voltará a assumir o lugar e a postura do pai), configurando uma relação horizontal entre os membros e a possibilidade de que todos revezem a posição de liderança. É um registro que exige uma elaboração psíquica, e nele cabe a diferença e a falta. O grupo fraternal é um tipo de laço fundado na lógica edipiana e permite a singularidade, pois cada sujeito encarna lugares diferenciados (COUTINHO, 2009).

A incerteza sobre o futuro profissional e familiar, aliada à falta de pontos de ancoragem no corpo social que possam formar um ideal de ego que sustente a promessa de uma satisfação futura, torna ainda mais difícil para o adolescente abandonar os objetos idealizados e fixar um ideal de ego, ficando à mercê desses objetos idealizados. A contemporaneidade delegou ao próprio adolescente “a tarefa de criar um lugar próprio para si no laço social” (COUTINHO, 2009, p. 230), criando uma situação de orfandade e uma demanda constante de se reassegurarem de que pertencem a uma cultura e a uma sociedade. Para a autora, os recursos dos grupos e da idealização entram como possibilidades de afirmação identitária por meio das tribos, caracterizadas por Maffesoli (1998) como uma forma de socialidade pós-moderna entre os jovens em contexto urbano, ligadas a atividades culturais ou de lazer e que surgem em contexto real ou virtual. São agrupamentos que dão a noção ao sujeito de “pertencer a uma espécie comum” (MAFFESOLI, 1998, p. 139), propiciam a ajuda mútua e possuem alguma tendência a se fecharem em si mesmos, ainda que não signifiquem exclusividade, já que uma mesma pessoa pode participar de diversas tribos. Privilegiam o sentimento de pertença, remetem ao estilo de vida, à aparência e aos gostos (sexuais, culturais, de amizade, religiosos) e têm durações variáveis, a depender do quanto os membros estejam dispostos a investir nelas (MAFFESOLI, 1998). As tribos “(...) assumem para seus

componentes o valor de referências identitárias fundamentais, ainda que transitórias, dentro de uma lógica de exclusão-inclusão predominante na sociedade de consumo contemporânea” (COUTINHO, 2009, p. 198).

Coutinho aproxima, então, a noção de tribo de Maffesoli (1998) da formação dos clãs totêmicos do mito freudiano, nos quais o que está em jogo é a idealização de insígnias (como os totens), onde existe a mesma ambiguidade: as tribos também possuem um potencial alienante e de retorno a uma formação de horda, mas também apresentam a possibilidade de reafirmação do laço social por meio da instauração de ideais. Para Coutinho (2009), a forma como cada adolescente poderá, ou não, desidealizar os objetos, dando um destino sintomático ou ajudando-o a elaborar sua entrada no laço social, depende de aspectos singulares (relativos à constituição psíquica) de seu entorno social e dos destinos de cada tribo em relação ao corpo social como um todo.

Dentro da lógica do individualismo contemporâneo, fica a cargo do sujeito a tarefa de escolher entre uma imensidão de modelos identitários, o que exacerba o desamparo constitutivo frente às exigências pulsionais. Coutinho (2009) nomeia esta figura paradigmática do individualismo contemporâneo de sujeito errante não apenas em relação ao adolescente, mas em relação ao processo de subjetivação dos sujeitos na contemporaneidade. O mal-estar do adolescente em função da falta de ancoragens simbólicas no coletivo é paradigma do mal-estar contemporâneo. Neste sentido, quando nos deparamos com a angústia de um adolescente (nomeada enquanto errância), em algum nível, nos deparamos com nossa própria angústia, o que reforça a sensação de estranhamento, descrita por Freud no texto de 1919, dado que se trata de estar diante da angústia de um outro que, por mecanismos defensivos, não consigo reconhecer enquanto minha.

## Considerações finais

O jovem no Brasil nunca é levado a sério  
eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério,  
não é sério.

A polícia diz que já causei muito distúrbio  
o repórter quer saber por que eu me drogo  
o que é que eu uso  
eu também senti a dor  
e disso tudo eu fiz a rima  
agora tô por conta  
pode crer que eu tô no clima.

*(Não é sério. Charlie Brown Jr. e Negra Li. )*

Com base nas reflexões feitas ao longo deste escrito, podemos entender que os agrupamentos de adolescentes pautados em diagnósticos psiquiátricos e sociais, provocados voluntária ou involuntariamente pelo efeito de sua inserção em serviços de saúde mental ou assistência social, possuem aspectos que remetem à formação dos clãs totêmicos (trabalhados por Freud) e das tribos (trabalhadas por Coutinho, a partir de Maffesoli), bem como sustentam que os adolescentes permaneçam em uma posição apartada para que certos sujeitos e o corpo social não entrem em contato com o que seria desvelado de mais perturbador a respeito de si próprios.

A ligação dos adolescentes a partir de determinados sintomas ou diagnósticos pode ser comparada à formação de um clã totêmico na medida em que o objeto idealizado (ou totêmico), no caso, o diagnóstico, encarna provisoriamente a função de ideal de ego e superego, oferecendo a possibilidade de satisfação pulsional e de renúncia. Assim como os objetos idealizados guardam relação com a cultura e o momento histórico: há 30 anos não víamos grupos de apoio, redes sociais de pessoas unidas por uma sigla da CID (Classificação Internacional de Doenças), que fornecem um referencial identitário tão forte, principalmente entre os jovens, de narrarem a si próprios a partir de um diagnóstico, o que os torna semelhantes entre si.

Observamos que o tipo de identificação por via do sintoma ou do diagnóstico psiquiátrico pode ser bastante nocivo, pois a partir do momento em que o diagnóstico assume o posto de ideal de ego, isso explica qualquer tipo de comportamento, dor, sofrimento ou angústia, promovendo uma desimplicação subjetiva (“não tenho nada a ver com isso, afinal, sou deprimido”). Essa

desimplicação subjetiva é reforçada diversas vezes pelas famílias, pela mídia e pelas instituições por onde os adolescentes circulam e revelam um lado não positivo da facilidade de acesso a informações antes restritas aos profissionais do campo da saúde.

Compreendemos que uma aposta possível no trabalho com adolescentes é auxiliá-los a fazer a travessia para a vida adulta, em ambas as dimensões apontadas por Coutinho (2009). A dimensão psíquica da travessia consiste em ampliar as possibilidades de destinos possíveis para suas angústias, enquanto a dimensão social consiste em fornecer um novo estatuto social no campo do que se denomina “mundo adulto”. Ademais, podemos auxiliar os adolescentes na desconstrução das tribos diagnósticas, ofertando e/ou auxiliando-os a buscar outros objetos a serem idealizados, mais conectados com o meio sociocultural e menos ensimesmados do que os diagnósticos que, na chave da doença, colocam as questões dentro do sujeito e pouco fazem conexão com o outro e com a comunidade em que vivem. Não se trata de ignorar o funcionamento das tribos, e sim de pensar que algumas tribos são mais favoráveis ao desenvolvimento e à emancipação cidadã do que outras. Talvez, os tipos de tribo que mobilizam transformações sociais possam se aproximar mais de fraternias de adolescentes e os auxiliem a dar um destino menos sintomático à sua entrada no laço social. Seriam formas de fazer rima a partir da dor, citando a música de Charlie Brown Jr. e Negra Li, ou de que, conforme afirma Saggese (2021, p. 16): “os jovens emprestam sua voz à reivindicação de mudanças, e a angústia encontra um caminho para fluir em palavras.”

## Referências

**BOURDIEU, P.** A juventude é apenas uma palavra. In.: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

**LEI Nº 8.069.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. julho, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 17 setembro 2022.

**CERRUTI, M Q.** *O jovem e o rap: ética e transmissão nas margens da cidade*. 2016. 200f. Tese, Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2016.

- COUTINHO, L.G.** *Adolescência e Errância: destinos do laço social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009.
- FREUD, S.** Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In.: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 2006, vol. XVIII.
- \_\_\_\_\_, **S.** O estranho (1919). In.: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 2006, vol. XVII.
- \_\_\_\_\_, **S.** Totem e Tabu. (1913[1912-23]) In.: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 2006, vol. XIII.
- MAFFESOLI, M.** *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- ROSA, M.D; VICENTIN, M.C.** Os intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. In.: *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 107-124, 2010.
- SAGGESE, E.** Uma juventude à flor da pele: o dilema de adolecer ou adoecer. In.: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.46, n.1, p.1-18, 2021.
- STRACHEY, J.** Nota do editor inglês. In.: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIII.